

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

Dayse Grassi*
Graziely Grassi Zanonj**
Silvana Mendonça Lopes Valentin**

RESUMO: A LIBRAS ou Língua Brasileira de Sinais é a língua natural dos surdos brasileiros. É através dela que os surdos vivenciam suas experiências e interagem com os demais grupos sociais. A LIBRAS ao contrário do que muitos pensam, não é uma reprodução das línguas orais. A língua de sinais utiliza-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral- auditivo, sendo dotada de uma gramática constituída a partir de elementos próprios, que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Além de possuir os elementos classificatórios e de identificação como qualquer outra língua, a língua de Sinais não é universal, cada país possui uma língua própria para satisfazer a comunicação e interação entre as comunidades ou grupos sociais que a utiliza. Quanto mais difundida for a Língua de Sinais, os sujeitos surdos terão maior acesso a comunicação e a interação social, tornando assim, mais significativas as vivências e experiências da comunidade surda.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; História; Linguística.

ABSTRACT: The LIBRAS or Brazilian Sign Language (Brazilian Body Language) is the natural language of deaf Brazilians. It is through that language that deaf people have their experiences and interact with other social groups. The LIBRAS, contrary to what many people think, is not a reproduction of the spoken languages. The sign language/body language uses a visual-spatial way or channel, not an oral-hearing one, being endowed with a grammar made up from its own elements, which are structured on phonological, morphological, syntactic and semantic mechanisms. Besides having the elements of identification and classification as any other language, the sign language is not universal; each country has its own language to make the communication and interaction among communities or social groups that use it. The more widespread is the Sign Language (body language), deaf people will have greater access to communication and social interaction, thus making more significant the experiences of the deaf community.

KEYWORDS: Libras; History; Linguistics.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Língua de Sinais, é a língua utilizada pela comunidade surda para expressar suas ideias e pensamentos, e que a mesma desempenha

* Professora efetiva Intérprete de Língua de Sinais da UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Medianeira. Mestre em Letras pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Endereço eletrônico: daysegrassi@utfpr.edu.br

** Professora Especialista concursada pela SEED. Intérprete de Língua de Sinais no Colégio Estadual João Manoel Mondrone. Endereço eletrônico: grazielyg@hotmail.com

** Professora efetiva Intérprete de Língua de Sinais da UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Medianeira. Endereço eletrônico: silvanalopes@utfpr.edu.br

papel fundamental no convívio social e na educação dos surdos na atualidade. Ao contrário de que muitos pensam, a língua dos surdos não é uma língua pobre que se resume apenas na substituição das palavras faladas por sinais, ela apresenta uma estrutura gramatical própria, diferente de qualquer língua oral. Embora tenha os mesmos mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, na língua de sinais a comunicação é feita através de um canal visual-espacial, diferentemente do oral-auditivo, em que se apresentam outras línguas.

Através desse artigo, conheceremos um pouco mais sobre a história, a cultura e a importância da Língua Brasileira de Sinais para os surdos, além de compreendermos a estrutura gramatical da LIBRAS. Dessa forma, faremos uma breve discussão sobre a história da Língua de Sinais no Brasil, que atualmente apresenta-se como meio legal de comunicação entre as comunidades surdas e as demais comunidades que a utilizam. Em seguida, abordaremos a estrutura gramatical da LIBRAS, a forma como é constituída, seus elementos classificatórios e de identificação e sua estrutura, a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Além disso, explicitaremos o aspecto linguístico da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), enfatizando sua estrutura linguística, princípios de organização e propriedades formais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Durante muitos anos, a sociedade esteve preocupada com a padronização dos indivíduos para viverem no meio social. Dessa forma, a educação dos surdos passou por diversas tendências. Inicialmente, a fase do oralismo, filosofia impregnada na visão médico-clínica, acreditando na normalização do sujeito e que a interação dos sujeitos surdos e ouvintes somente era possível através da língua oral. Segundo Skliar (1998), o oralismo tem uma visão clínica terapêutica da surdez, valorizando somente o déficit do sujeito. A Filosofia Oralista começou a ser utilizada a partir do Congresso Internacional de Educadores Surdos (1880), em Milão, que após ser colocado em votação qual seria o melhor método para o aprendizado e socialização dos surdos, decidiu-se pelo Oralismo. Essa decisão fez com que as escolas dos surdos enfatizassem o uso da fala, proibindo o uso de qualquer sinalização. No entanto, os surdos continuavam a utilizar a língua de sinais escondido dos professores. Conforme Sacks (1990, p. 45) “o oralismo e a supressão do Sinal resultam numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral”. Após anos de lutas dos movimentos surdos, as escolas

começaram a dar oportunidade ao uso da língua de sinais. Segundo Brito (1995, p. 16) “as línguas de sinais, por serem línguas naturais, persistem. Apesar das proibições e preconceitos de que têm sido alvo, elas resistiram heroicamente através dos tempos. Isso demonstra a fortaleza de um sistema consistente”.

De acordo com estudos de Quadros (2004, p. 30) “pode-se dizer que uma língua natural é uma reação específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os usuários”. E por ser considerada uma língua natural, “compartilham uma série de características que lhes atribui um caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação”(QUADROS, 2004, p. 30). Dessa forma, a língua de sinais, por ser uma língua natural persistiu mesmo diante das proibições, permitindo a comunicação entre os sujeitos surdos e/ou ouvintes.

No Brasil, na década de noventa, através de estudos da professora Lucinda Ferreira Brito, inicia-se os estudos sobre a Língua de Sinais e surge a filosofia bilíngue, que propõe tornar acessível ao sujeito surdo duas línguas, sendo a L1 (língua um), a sua língua natural, ou seja, a língua de sinais em que será instruído, e a L2 (língua dois), a língua portuguesa escrita. Essa filosofia de ensino, busca valorizar a língua natural dos surdos, e a partir dessa, proporciona o ensino da segunda língua, ou seja, a língua portuguesa.

Para Brito, a língua de sinais

é adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com as pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito (BRITO, 1995, p.27).

A LIBRAS, assim como as demais línguas, surgiu da necessidade de estabelecer a comunicação e interação entre os sujeitos surdos e/ou a sociedade. A língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela lei 10.436 de abril de 2002. Segundo essa lei, “entende-se como Língua Brasileira de Sinais a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. Como destaca Quadros:

Língua Portuguesa é a L1 de crianças ouvintes brasileiras e, necessariamente, deverá ser ensinada de forma diferente para crianças surdas que a adquirirão como L2. Além do fato de a língua portuguesa não ser a L1 do surdo, há a questão da diferença na modalidade das línguas. A criança surda deverá adquirir uma L2 que se apresenta numa modalidade lingüisticamente diferente da sua L1, isto é, ela deverá aprender uma língua 'gráfico-visual' enquanto a sua L1 é 'visual-espacial'. Os estudos sobre o ensino de L2 partem do pressuposto de que a criança estará adquirindo uma L2 na mesma modalidade lingüística de sua L1. Dessa forma, o ensino da L2 – Língua Portuguesa - para surdos apresenta questões mais complexas que exigem mais investigação. O processo de aquisição de uma L2 em crianças dependem de, no mínimo dois, pré-requisitos: (a) garantia de um processo natural de aquisição de uma L1 e (b) a aquisição da língua escrita, isto é, da alfabetização. (QUADROS, 1997, p.111)

Como vimos, a Libras é a língua natural dos surdos e a língua portuguesa é utilizada por eles como segunda língua, como se fosse o aprendizado de uma língua estrangeira, mas nesse caso, o aprendizado da língua portuguesa não é opcional, pois, o sujeito surdo precisa aprender essa língua pelo fato de viver em uma sociedade em que a língua portuguesa é majoritária.

Ao contrário de que muitos pensam, a Língua Brasileira de Sinais não se originou a partir da língua portuguesa, que se apresenta na modalidade oral- auditiva, e sim, teve sua origem com base na Língua de Sinais Francesa, e essa possui um canal perceptual diferente das demais línguas orais, se apresentando na modalidade gestual-visual.

Brito (1995, p. 11) afirma que

a LIBRAS é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas lingüísticos que servem comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem . É uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que o Português, o Inglês, o Francês, etc. Surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos lingüísticos daqueles que as usam.

Dessa forma, não podemos estudar a LIBRAS tendo como base a Língua Portuguesa, pois a mesma apresenta uma gramática própria, independente da língua oral . Assim, como existem palavras nas línguas orais- auditivas, também nas línguas de sinais há itens lexicais, chamados de sinais, e "a ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas idéias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade" (SEED, 1998, p. 17).

Conhecer a origem da Libras faz com que, quando aprendamos essa língua, busquemos conhecer não apenas os sinais, mas sim, toda a etimologia e a semântica que esses sinais carregam. Além disso, percebemos a importância dessa língua que garante a preservação da identidade e valorização da cultura surda.

1.2 ESTRUTURA LINGUÍSTICA DA LÍNGUA DE SINAIS

Desde muito tempo, já existia o interesse pela forma gestual de comunicação, mas, diante da importância e das muitas discussões que vêm sendo realizadas a respeito da Língua de Sinais, vários estudiosos e linguistas vêm se dedicando e desenvolvendo pesquisas em torno dessa língua. Para iniciarmos essa discussão, é necessário que compreendamos um pouco mais sobre o que é de fato Linguística. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 15) “a linguística é o estudo científico das línguas naturais e humanas” e assim como várias línguas, a língua de sinais também vem sendo melhor compreendida e estudada.

Para Quadros (2004, p. 47) as línguas de sinais “são denominadas línguas de modalidade gestual –visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”. De acordo com pesquisas, as línguas de sinais “contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que tem um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos” (QUADROS, 2004, p. 48). Assim, as línguas de sinais diferem-se das línguas orais, segundo estudos realizados por Stokoe, devido “à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais”(QUADROS, 2004, p. 48).

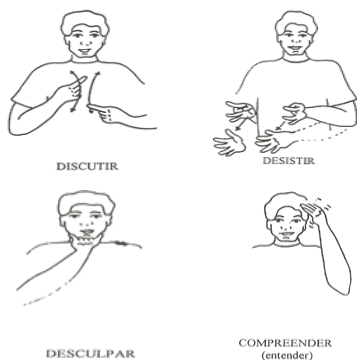
Os resultados das pesquisas mostraram que a LIBRAS, como todas as línguas, possui os seguintes níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico, compondo assim, uma língua completa. “A fonética e a fonologia das línguas de sinais são as áreas da linguística que estudam as unidades mínimas dos sinais e que não apresentam significado isoladamente”(QUADROS, 2004, p. 81). Assim, a fonologia da língua de sinais é constituída pelos seguintes parâmetros que formam os sinais: a Configuração de Mãos (CM), o Ponto de Articulação (PA), o Movimento (M), a Expressão facial e/ou corporal, a Orientação/Direção. A seguir exploraremos um pouco mais sobre cada um desses parâmetros.

De acordo com (FELIPE, 2001, p. 20) a configuração de mãos (CM), é a forma das mãos, que podem ser a datilologia – constituída pelo alfabeto manual, “ou outras formas feitas pela mão predominante, ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador”. Segue abaixo quadro ilustrativo das Configurações de Mãos.



Fonte: BRITO, 1995, p. 220

O ponto de articulação (PA) “é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal na frente do emissor”(FELIPE, 2001, p. 20-21). Por exemplo, os sinais desistir e discutir são feitos no espaço neutro, ou seja, sem contato com alguma parte do corpo do emissor. Já os sinais entender (realizado na cabeça) e desculpar (realizado com contato no queixo) tocam alguma parte do corpo do emissor. Veja os exemplos dos sinais nas figuras abaixo.



Fonte: SEED (1998)

Em Libras, os sinais podem ter movimentos (M) ou não (FELIPE, 2001). Por exemplo, os sinais desenhar e desenvolver apresentam movimentos, já o sinal em pé, não apresenta movimento. Veja os exemplos:



Fonte: SEED (1998)

Todos os parâmetros precisam de uma orientação ou direção (FELIPE, 2001). Podemos citar como exemplo os verbos ir e os sinais avisar e me avisar, que se opõem em relação à direcionalidade.



IR

Fonte: SEED (1998)

AVISAR

ME AVISAR



Fonte: FELIPE (2001, p. 183)

A expressão facial ou corporal é um dos elementos mais importantes no ato da comunicação, pois pode ser um mecanismo facilitador para a compreensão de um determinado enunciado e para o entendimento real do sinal. Além disso, é através da expressão facial que mostramos a entonação na Língua de Sinais. Segundo Quadros (2004, p. 60) “as expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou tronco) prestam-se a dois papéis na língua de sinais: a marcação de construção sintática e a diferenciação de itens lexicais”. Veja alguns exemplos de expressões faciais.



Fonte: FELIPE (2001, p. 241)

Segundo Quadros (2004, p. 86-87) “morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras” e “os morfemas são as unidade mínimas dos significados”. A morfologia apresenta duas áreas de investigação, a derivacional (estuda a formação de diferentes palavras com mesma base lexical) e a flexional (estuda os processos que acrescentam informação gramatical à palavra já existente), e esses processos também são existentes na língua de sinais (QUADROS, 2004, p. 94).

Ainda conforme a autora, “as línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinados”. Assim, o léxico da língua de sinais é composto também por palavras do português que são sinalizadas manualmente, através de configurações de mãos que correspondem a letras escritas na língua portuguesa (QUADROS, 2004). Veja abaixo a figura com o alfabeto manual em libras.



Fonte adaptada: SEED (1998)

Também fazem parte do léxico da língua de sinais os classificadores, que têm distintas propriedades morfológicas, pois são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e ponto de articulação, podem especificar qualidades de um referente (QUADROS, 2004). Dessa forma, “os classificadores geralmente são utilizados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma dos objetos” (QUADROS, 2004, p. 93).

A língua de sinais possui uma sintaxe espacial. Quadros (2004, p. 127) pontua que “analisar alguns aspectos da sintaxe de uma língua de sinais requer ‘enxergar’ esse sistema que é visuoespacial e não oral auditivo”. Vários autores têm se dedicado ao estudo da organização espacial da língua de sinais e ainda segundo Quadros (2004, p. 127) “qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador)”.

Além disso, as frases em língua de sinais, obedecem uma estrutura diferenciada da língua portuguesa, sendo estruturada com seis possíveis combinações de sujeito (S), objeto (O) e verbo (V). Dessa maneira, a ordem básica mais utilizada das frases em libras, varia entre SOV, SVO ou VSO, sendo que essa ordenação dos elementos reflete na escrita dos sujeitos surdos (QUADROS, 2004).

Desse modo, percebemos a importância de compreendermos a estrutura gramatical da Língua de Sinais, pois a comunicação não acontece através de sinais isolados, e sim, através das unidades básicas que compõem a estrutura da língua. Assim, os sinais surgem através da combinação dos parâmetros, proporcionando uma comunicação completa e eficaz.

Conforme salienta Grosjean (1982, p.18) “a língua não é somente um instrumento de comunicação, é igualmente um símbolo de identidade social, uma marca de pertencimento”. Nesse contexto, a língua carrega consigo a identidade e a cultura de um povo. Os surdos, assim como outras

comunidades linguísticas, constroem a sua identidade e cultura através da interação com as pessoas iguais a si mesmo, no caso dos surdos, nas mesmas condições da surdez - com o povo surdo ¹. Portanto, o contato com seu grupo faz com que se haja a identificação com a língua de sinais e com uma identidade e cultura peculiar as suas raízes.

Notamos, assim, que a formação da identidade surda está sempre ligada a “situação de necessidade com o outro igual” (PERLIN, 1998, p. 53) e que isso é imprescindível para a construção da identidade surda.

Outro fator importante é que a língua e a identidade estão estreitamente ligadas à cultura, sendo indissociáveis. Assim, a cultura carrega consigo valores e crenças. Conforme Strobel, (2008, p. 24)

a cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-se com suas percepções vividas, que constituem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Constatamos então, que a cultura surda descreve os pensamentos, a forma de agir, a história, lutas, conquistas, a maneira de ser da comunidade surda. Conforme Salles (2004)

surdos e ouvintes encontram-se imersos, normalmente, no mesmo espaço físico e partilham de uma cultura ditada pela maioria ouvinte, no caso do Brasil, a cultura brasileira, surdos e ouvintes compartilham uma série de hábitos e costumes, ou seja, aspectos próprios da Cultura Surda, mesclados a aspectos próprios da Cultura Ouvinte, o que torna os surdos indivíduos multiculturais (SALLES, 2004, p. 39).

Diante disso, reconhecer e aceitar a língua da pessoa surda implica em aceitar a identidade surda. O autor Terje Basilier pontua que “Quando eu aceito a língua de outra pessoa eu aceito a pessoa... Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos... Quando eu aceito a Língua de Sinais, eu aceito o Surdo, e é importante ter sempre em mente que o Surdo tem o direito de ser Surdo”. Assim, cabe a nós aceitá-los como uma diversidade linguística presente num país com tantas facetas culturais.

¹ Expressão utilizada por Strobel (2008) ao referir-se aos sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por um código ético de formação visual, por sua origem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos apresentar nesse artigo, um pouco sobre o processo histórico e educacional da comunidade surda, mostrando que atualmente, a Libras foi regulamentada e tornou-se o meio legal da comunicação dos surdos, sendo essa, a língua oficial dos surdos, em que os mesmos vivenciam suas experiências, adquirem seus conhecimentos e interagem com a sociedade. Notamos, dessa forma, que as experiências das pessoas surdas se dão diferentemente das ouvintes, pois, seu canal de comunicação e aprendizado é visual.

Enfatizamos que a língua de Sinais é a língua natural das pessoas surdas e que esta apresenta regras próprias e independe de qualquer outra língua. Sendo assim, a Libras utiliza-se de um meio ou canal visual-espacial, e possui todos os componentes linguísticos que uma língua necessita, seja no campo fonológico, morfológico, sintático ou semântico. Além disso, apresentamos cada componente que faz parte da estrutura gramatical da Libras, bem como a importância que cada um desses elementos têm para formar a língua de Sinais completa.

Desmistificamos, portanto, que a língua de sinais é apenas uma representação em mímica da língua portuguesa e a ideia que muitos têm a respeito das línguas de sinais serem universais, evidenciando assim, a complexidade da língua de sinais em relação a sua estrutura linguística.

A língua carrega consigo a identidade e a cultura de um povo. Sendo assim, não podemos estudar uma língua sem evocar a identidade e cultura desse povo. Constatamos que a surdez atualmente, não é mais estudada como uma patologia, mas sim, como uma minoria linguística, pertencente a uma comunidade que possui uma cultura e identidade própria. Prova disso, é o reconhecimento da língua de sinais como uma língua oficial no Brasil.

Ao estudarmos uma língua estrangeira, necessitamos compreender a estrutura dessa língua e não apenas vocabulários isolados. Assim, para aprendermos a Libras, é necessário que compreendamos a estrutura linguística dessa língua, bem como os aspectos da identidade e cultura dessa comunidade que faz parte da diversidade cultural existente em nosso país.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 21 fev. 2011

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro:

Templo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC, SEESP, 2001.

GROSJEN, François. **Life With Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice M. **A Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos**. Porto Alegre, Artemed, 2004.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

SACKS, O. **Vendo Vozes**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina Lopo. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 1. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Educ. Soc. Campinas, vol. 26, n.91, p.565-582, maio/ago, 2005. Site: Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

SEED. Secretaria De Estado Do Paraná. Departamento de Educação Especial. **Falando com as mãos**. Curitiba, 1998.

SEED. Secretaria De Estado Do Paraná, Departamento de Educação Especial **Aspectos lingüísticos da Língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/ SUED/DEE, 1998.

SILVA, T. T.; LOURO, G. L. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As Imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.